

RUA BARÃO RODRIGUES MENDES, RECIFE, PE: MEMÓRIAS DE SEU TRAJETO DO SÉCULO XVII AO XXI

RUA BARÃO RODRIGUES MENDES, RECIFE, PE: MEMORIES OF ITS JOURNEY FROM THE FROM THE 17TH TO THE 21ST CENTURY

Marcos A. G. M. Albuquerque¹

Veleda Christina Lucena de Albuquerque²

Resumo Trata-se de um estudo com base no acompanhamento arqueológico das obras para o embutimento da rede elétrica e de dados no bairro do Recife, certamente a área de ocupação mais antiga daquela cidade. De acordo com o disposto no Projeto, cada rua foi tratada como um sítio arqueológico. Em função dos objetivos da engenharia, as cavas abertas nas ruas, por vezes longas trincheiras, cuja largura de 40, 60 chegava até 80 cm, propiciaram janelas voltadas para o tempo em que as ruas se formavam, eram modificadas, e variavam as técnicas e materiais de construção dos imóveis. Com base no estudo das trincheiras abertas, se buscou identificar cada estrutura antiga localizada, em termos de sua cronologia e contexto. Os resultados do acompanhamento arqueológico das obras permitiram ainda documentar o processo de ampliação do espaço ocupado pela cidade, a construção da terra firme, tomada às águas, dos rios e do mar. **Palavras-Chave:** Arqueologia Histórica, origens do Recife, ocupação Holandesa, acompanhamento de obras, defesa do Recife.

Abstract: This is an archaeological study based on the archaeological monitoring of the works for the embedding of the electrical network and data about Recife, certainly the oldest area of occupation in that city. According to the provisions of the Project, each street was treated as an archaeological site. Depending on the objectives of engineering, the open pits in the streets, sometimes long trenches, whose width of 40, 60 and sometimes even 80 cm, provided windows facing the time in which the streets were formed, were modified, and the construction techniques and materials varied. Based on the study of the open trenches, we sought to identify each ancient structure located in terms of its chronology and context. The results of the archaeological monitoring of the works also made it possible to document the process of expansion of the space occupied by the city, the construction of the mainland taken from the waters, the rivers, and the sea. **Key words:** Historical Archaeology, Origins of Recife, Dutch Occupation, Archaeological accompaniment of works. Defense of Recife

ⁱ Laboratório de Arqueologia da UFPE.

E-mail: marcos@brasilarqueologico.com.br

ⁱⁱArqueolog Pesquisas Ltda. E-mail: veleda@brasilarqueologico.com.br

Apresentação

Fruto da expansão colonial europeia no Novo Mundo, a cidade do Recife, situada no estado de Pernambuco, Brasil, enquadra-se entre aquelas de cronologia mais recuada das Américas. O atual bairro do Recife, conhecido como “Recife Antigo”, é tombado pelo Iphan como bem patrimonial da União, portanto, sujeito às exigências legais de preservação, vigentes no País. Deste modo, qualquer intervenção em seus aspectos físicos deve ser autorizada e acompanhada pelos diferentes Órgãos responsáveis pela preservação do patrimônio cultural. Todavia, tais órgãos também consideram a necessidade de compatibilizar a preservação e as demandas da sociedade nos tempos atuais.

No início do século XXI, um projeto que, em última análise, visava requalificar a cidade, incluía a instalação de uma rede de fibra ótica, bem como de uma nova rede elétrica, que atenderiam não apenas as demandas do bairro, mas ainda à instalação de um centro de informática denominado Porto Digital.

O projeto aprovado previa que todo o cabeamento e fiação fosse subterrânea, não comprometendo o visual da antiga cidade. Todavia, sua implantação provavelmente atingiria remanescentes de antigas estruturas que se encontrassem abaixo da superfície atual. Deste modo, foi exigido acompanhamento arqueológico das obras, o que coube a nossa equipe realizá-lo.

O Recife dispõe de uma farta cartografia que o acompanha praticamente desde seus primórdios. Não lhe faltam também densos estudos que buscaram tornar comparáveis as sucessivas plantas da cidade, como aquele realizado pelo arquiteto José Luis Mota Menezes. O crescimento da cidade, as alterações em seu traçado, acreditava-se que teria deixado, abaixo da superfície, seus testemunhos.

Todas as trincheiras e valas abertas pela engenharia foram minuciosamente acompanhadas pela nossa equipe que as tratou como janelas voltadas para o tempo em que as ruas se formavam ou eram modificadas. Razão de termos concebido no projeto, do ponto de vista metodológico, o tratamento das ruas como sítios arqueológicos. O acompanhamento arqueológico das obras permitiu documentar o processo de ampliação do espaço gradativamente ocupado pela cidade; inicialmente as áreas de terra firme e posteriormente nas áreas tomadas às águas, tanto dos rios como do mar.

Acompanhar a abertura das valas para o embutimento do sistema, surgia como uma oportunidade de abordar as Memórias do Recife, de seu trajeto desde o século XVII ao XXI. Este artigo está voltado apenas para os trabalhos realizados especificamente na Rua Barão Rodrigues Mendes.

Introdução

A cidade do Recife teve sua origem intrinsicamente relacionada à fundação da sede da Capitania de Pernambuco, ainda na primeira metade do século XVI. As terras costeiras elevadas de Olinda, escolhidas pelo Donatário de Pernambuco para a fundação da Vila atendiam aos conceitos de segurança dos portugueses de então; todavia as condições daquele trecho do litoral mostravam-se inapropriadas para uso como porto, o que demonstram as cartas náuticas da época. Entretanto, a cerca de 6 km ao sul, passou a ser utilizado um porto natural que oferecia condições abrigadas para as embarcações. Além das atividades portuárias, as águas calmas e a boa profundidade, permitia que embarcações pudessem ser ali reparadas. Ao longo da costa, na foz dos rios Capibaribe e Beberibe, formou-se um istmo que partia da costa de Olinda, em direção Sul. Istmo que atraiu pessoas que “viviam do mar”, como pescadores, portuários, embarcadiços, que se estabeleceram em uma povoação que ficou conhecida e cartografada como o “Povo”. Este Povo veio a ser o Recife dos Navios, o Recife (Pereira da Costa, 1983).

Assim, por sua trajetória histórica, o antigo bairro do Recife é uma área de proteção nacional, inscrita no Livro de Tombo Histórico do Iphan (processo 1.168 - T – 85, notificação pública em 13.03.1998) e, de acordo com a Recomendação de 20 de setembro de 2000, da Procuradoria da República em Pernambuco, do Ministério Público Federal, “nenhuma obra que importe escavação, seja iniciada no bairro do Recife Antigo sem a aprovação de um projeto técnico...”, de um acompanhamento arqueológico.

O Projeto Luz no Recife Antigo (Albuquerque e Lucena, 2002), iniciado em 2001, teve como objetivo a implantação de uma rede subterrânea de energia elétrica para iluminação pública, bem como de dutos para a condução de fibra ótica com o objetivo de atender o Porto Digital, na área do Polo Bom Jesus, no bairro do Recife. Este projeto foi realizado com base em um Convênio de Participação Técnica e Financeira, firmado entre o Governo do Estado de Pernambuco, Prefeitura do Recife, Centrais Elétricas Brasileiras (Eletrobrás, Chesf, Celpe), com

o apoio da Fundação Roberto Marinho responsável pela articulação de um conjunto de parcerias. Assim, o que de início se constituía em uma obra para implantação de uma melhor infraestrutura na cidade, que incluía a disponibilização de novas tecnologias, assumiu também o caráter de uma obra de resgate cultural para o Recife.

O acompanhamento arqueológico desta obra de engenharia não se limitou apenas ao cumprimento de uma exigência legal, transcendeu as expectativas e motivou a população a conhecer uma outra parte da cidade que estava sendo revelada. Por outro lado, o mapeamento e a documentação das estruturas de antigas edificações postas a descoberto com a abertura das valas, constitui-se em um importante documento para o estudo da evolução urbana do Recife. A pesquisa de acompanhamento arqueológico foi realizada pela equipe do Laboratório de Arqueologia da UFPE, no período de 2001 a 2002.

A Rua Barão Rodrigues Mendes

Cerca de um século desde o início de sua formação, quando da ocupação das terras açucareiras por holandeses, o Recife se tornaria o principal foco das atividades dos batavos. Aquelas terras baixas, eram consideradas melhor defensáveis que Olinda, e ali concentraram suas moradias, comércio e armazéns portuários (Mello, 2004). A área ocupada fora cercada com uma estacada de madeira que garantiria o controle dos que entravam e saiam. Esta cerca propiciava a distinção entre duas áreas distintas: a cidade no interior, e “fora de portas” com trânsito aberto.

A atual Rua Barão Rodrigues Mendes se estende no sentido transversal ao istmo e ocupa uma área que ao longo do século XVII representou o limite Norte da cidade que se formava. Mesmo antes da implantação das quadras que viriam a constituir a Rua dos Judeus, no século XVII, foram ali construídos dois baluartes. Na cortina entre eles se abria a porta Norte da cidade, também chamada a ‘Porta da terra’. Por ela transitavam as mercadorias desembarcadas no Recife, com destino a Olinda. Aliás por aquela porta se fazia todo o trânsito entre o Recife e Olinda (Figura 1).

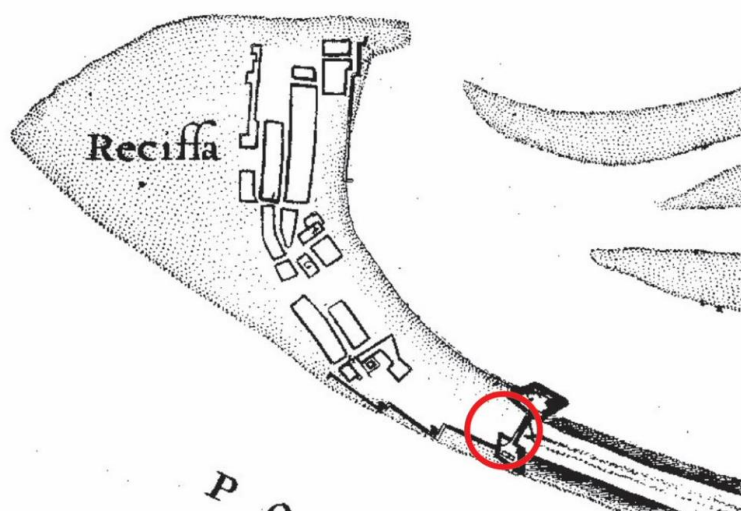


Figura 1: Detalhe de gravura que mostra, a área hoje ocupada pela Rua Barão Rodrigues Mendes (ressaltado em vermelho). Mapa do Recife e da Ilha de Antonio Vaz, Pernambuco, em 1637, quando da chegada do Conde de Nassau. Autor desconhecido. Inserto na obra *História dos Feitos Recentemente Praticados Durante Oito Anos no Brasil*. Fonte: Barleus, 1980.

De algum modo a 'porta da terra' serviu como um limitador da expansão da cidade. Ainda que algumas construções se fizessem 'fora de portas', como o alojamento de marinheiros, por exemplo, ao longo dos séculos XVII e XVIII, o crescimento no sentido Oeste foi muito mais significativo. Enquanto os aterros na margem do rio ampliavam gradativamente a área ocupada pelas casas, pelo comércio, a antiga defesa parece ter restado praticamente intocada (Figura 2).

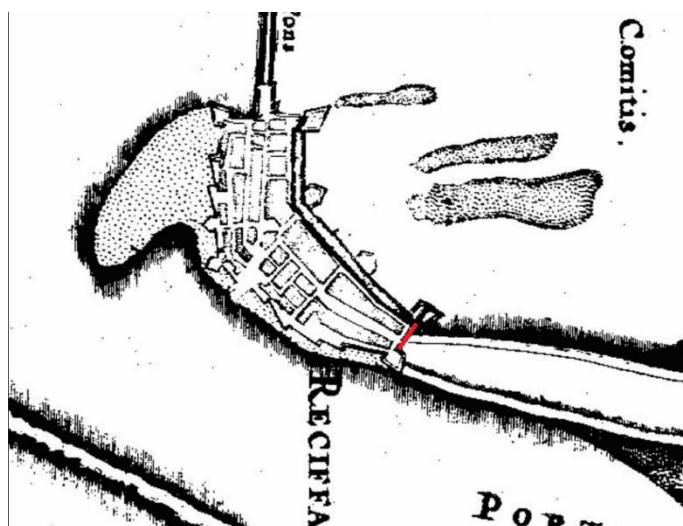


Figura 2: Recife. Gravura *Mauritiopolis Recifff et Circumiancentia*, modificada. Detalhe em vermelho assinala o local onde se desenvolveu a Rua Barão Rodrigues Mendes. Fonte: Barleus, 1647.

O istmo se estendia por trás dos arrecifes e nele foram sendo instaladas obras de defesa: o Forte de São Jorge, o Forte do Brum, o Forte Madame Bruyne, além de vários outros fortins e baterias que tiveram pouca duração².

A Figura 5 apresenta o detalhe de uma gravura do Recife, visto de Olinda, onde se vê em primeiro plano o Forte do Brum, seguido do Forte de São Jorge, com suas torres circulares. Observe-se que nesta gravura o portão do Forte do Brum se encontra voltado para Olinda, e não para Sul, como se dispõe hoje (Figura 5 e 6).

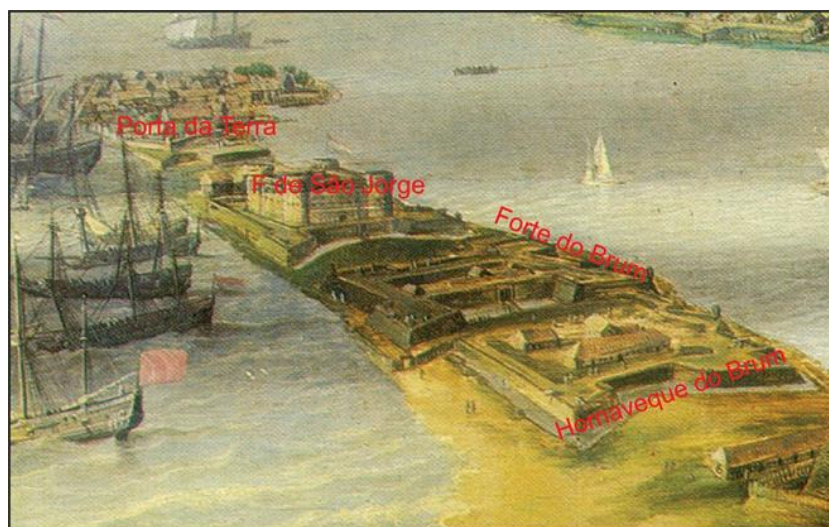


Figura 5: Detalhe da gravura Vista do Recife. de Gilles Peeters modificada. Fonte: Gillis Peeters. In: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa23440/gillis-peeters>



Figura 6: Detalhe da gravura Vista do Recife. de Gilles Peeters modificada. Fonte: Gillis Peeters. In: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa23440/gillis-peeters>

² Ver, entre outros mapas o Mapa do Recife e da Ilha de Antonio Vaz, Pernambuco, em 1637, quando da chegada do Conde de Nassau. in Barleus (1647), 1980.

A Figura 6, acima apresenta um outro detalhe da gravura anterior (Recife, visto de Olinda, de Gilles Peeters), enfocando o trecho a partir do Forte de São Jorge. A área circulada pela forma ogival em vermelho, apresenta a ‘porta de terra’ defendida de ambos os lados. A ‘porta’ que era fechada à noite, estava defendida por dois baluartes: um do lado do mar, em pedras, e o segundo, do lado do rio, provavelmente uma estrutura em terra. O conjunto integrava um sistema de defesa da cidade, que se pretendeu cercar inteiramente (Figura 7).

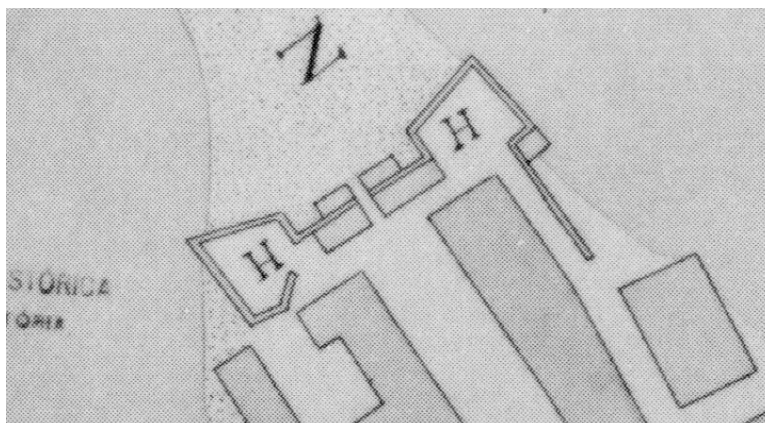


Figura 7: Detalhe de planta de 1733, onde estão representados a porta da cidade, os baluartes que a ladeavam e um trecho da muralha, do lado do mar. Fonte: Divisão de Pesquisa Histórica UFPE.

Uma muralha de pedra foi, pelo menos em parte, construída ao longo do limite da cidade que facejava o mar. Uma muralha que está representada em diferentes iconografias do século XVII, e sua construção é referida ainda na documentação da WIC. Também a iconografia e a documentação textual do século XVIII fazem referência àquela defesa. Todavia, diferentes historiadores entendiam que a cidade apenas fora cercada por uma paliçada, como aquela representada na imagem T'Recife de Pernambuco, de 1635 (Figura 8).

A pesquisa arqueológica permitiu demonstrar que uma muralha de pedra foi construída para a defesa do Recife; tinha início junto ao Baluarte do Bom Jesus, que ladeava a ‘porta de terra’, seguindo em direção Sul. Por estar a pesquisa, restrita ao acompanhamento de obras, apenas se pode ampliar a escavação em um pequeno trecho, o que garantiu a identificação da muralha em pedras, cujo traçado partia do baluarte mais antigo, seguindo para sul, acompanhando aproximadamente a atual Av. Alfredo Lisboa.



Figura 8: T'Recife de Pernambuco – Gravura em cobre mostrando pormenor da povoação do Recife, em 1635. Joannes de Laet, 1644.

Trata-se de uma muralha em pedras trabalhadas, com cerca de 2,10 m de espessura. Parte desta muralha, se encontra hoje sob o Edifício dos Despachantes Aduaneiros, na esquina entre a Av. Alfredo Lisboa e a Rua Barão Rodrigues Mendes. Lamentavelmente, como dissemos, este trabalho, embora balizado epistemologicamente, atendeu a um acompanhamento arqueológico, limitado pelas obras de engenharia, razão pela qual não teve seguimento, nesta oportunidade, o mapeamento deste importante e significativa obra de defesa (Figura 9).



Figura 9: Pormenor da iconografia de 1648, assinalando o trecho resgatado arqueologicamente.

Com a saída dos holandeses, no local do arco que configurava a ‘porta da terra’, a confraria do Senhor Bom Jesus, obteve a permissão para construir a capela do Bom Jesus, que ocupava praticamente toda a largura da antiga Rua dos Judeus. A rua teve seu nome alterado, passando então a se chamar de Rua do Bom Jesus. Em 1680 a capela já estava aberta às práticas religiosas³ (Figura 10).



Figura 10: Rua da Cruz (atual Bom Jesus) e o Arco do Bom Jesus. Fonte: Litografia a mão de W. Bassler. 1848.

No século XVIII a “cidade” expandia-se em direção norte, em “Fora de Portas”. Na realidade, desde 1683 constituíra-se esta divisão do bairro como que em dois segmentos distintos (apud Sette, M. 1948).

A atual Rua Barão Rodrigues Mendes está representada na Figura 11, com o traço azul. Segundo Couto (1981), no Recife do século XVIII, "saindo do arco do Bom Jesus, fica a língua de areia que serve de estrada para a cidade de Olinda. A poucos passos estão fundados os quartéis em que se recolhe a gente de guerra, que vem nas armadas, a grande casa da junta, e uma comprida rua que formam 140 casas e tem por coroa a igreja de Nossa Senhora do Pilar". No mapa de 1756 (Figura 12), a atual Rua Barão Rodrigues Mendes está assinalada com o traço azul; em vermelho os trechos do baluarte e da muralha de pedras descobertos arqueologicamente. Na planta da Villa do Recife, de 1766, continuam assinalados o baluarte e o trecho da muralha (Figura 13).

³ Ver <https://bairrodorecife.blogspot.com/2014/01/arco-do-bom-jesus.html> (acesso em dez/2023) que trás um resumo da transformação da ‘porta da terra’ em Capela do Bom Jesusm

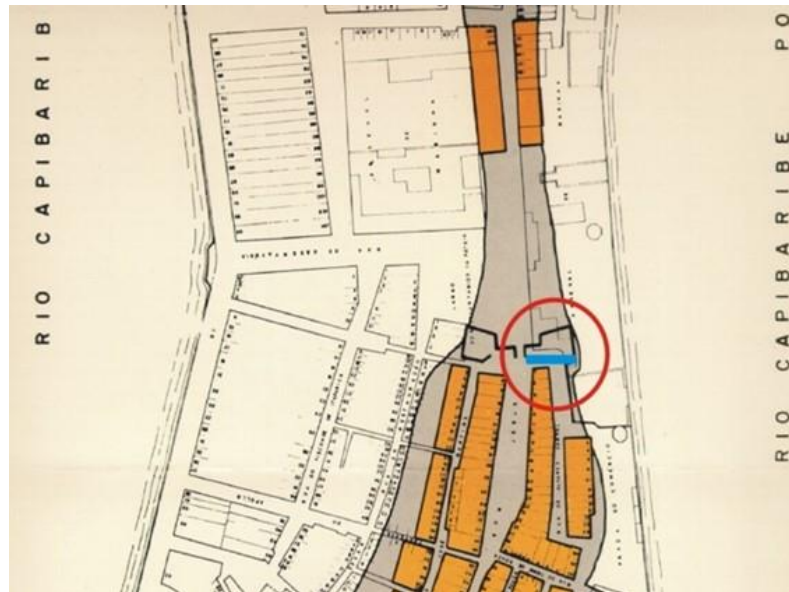


Figura 11: Detalhe do Recife em 1733. Fonte: Menezes, 1988.

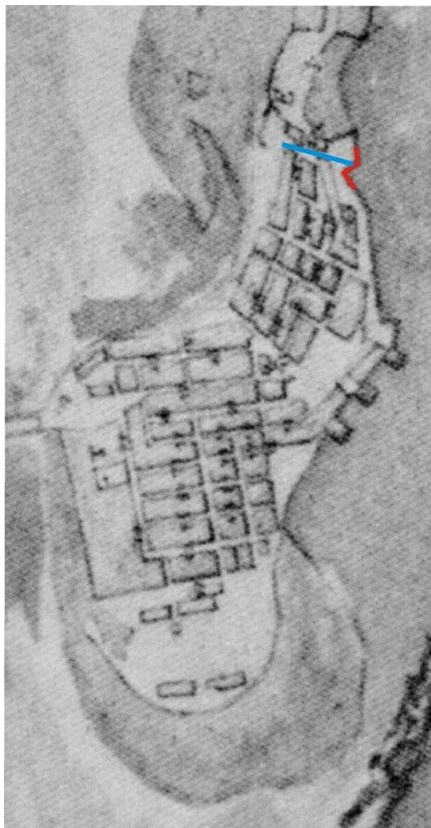


Figura 12: Recife 1756.

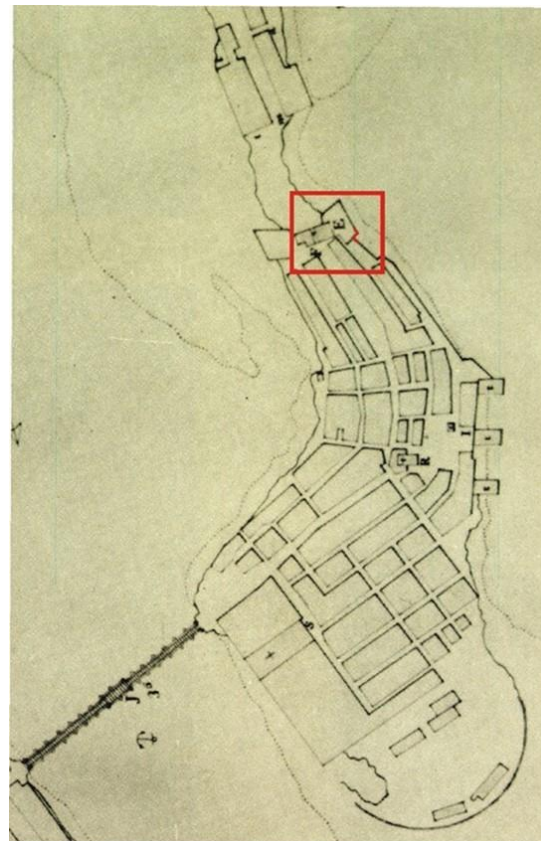


Figura 13: Plano da Villa do Recife de Pernambuco. Fonte: Arquivo Distrital de Évora, Portugal – A planta é datada de 8 de junho de 1766. Modificada pelos autores assinalando o baluarte e o trecho da muralha descobertos na pesquisa arqueológica

‘Fora de portas’ continuava a ser uma área sem grande prestígio social. Com o crescimento da cidade naquele sentido, a antiga porta praticamente perdeu sua função, mas manteve por longo tempo seu referencial social.

No século XIX as mudanças na área foram profundas. A antiga porta perdendo totalmente sua função arrastou consigo também a sorte dos baluartes que a ladearam. Mas o baluarte na face do mar bem como a muralha que dali partia fechando a cidade do lado do mar foi em parte preservado, ainda que com função distinta. Parte daquelas estruturas foi mantida, agora defendendo a cidade das águas do mar.



Figura 14: Detalhe do Recife de 1808. Fonte: Menezes, 1988, modificada pelos autores assinalando o baluarte e o trecho da rua descobertos na pesquisa arqueológica.

No início do século XIX o bairro praticamente fora fisicamente unificado. As quadras da área ‘fora de portas’ aproximaram-se gradativamente dos baluartes. O baluarte do rio fora desconsiderado e sua área ocupada por novas quadras. O mar avançara sobre parte do terreno, mas o antigo baluarte do lado do mar preservara as quadras mais antigas ‘dentro de portas’.

Na figura 14, assinalamos com o contorno em vermelho a quadra construída sobre o baluarte do rio, e em azul o que viria a ser a Rua Barão Rodrigues Mendes. O círculo chama a atenção ainda, para o avanço do mar, contido pelo baluarte de pedra.

Ainda que incorporada à cidade, a antiga área ‘fora de portas’ conservara de certa forma o ‘status’ de ‘periferia’. Na primeira metade do século XIX (em 1849) a municipalidade do Recife

estabelecera como um dos locais para enterrar os animais mortos: areal do Brum, e ainda local para instalarem-se açougues: na “rua da Guia e Fora de Portas, a partir da primeira travessa à direita até o Pilar”.

Em edital pertinente a Municipalidade do Recife, assinado pelo Presidente da Província, em 1843, datado de 1843, definiu como um dos locais para o despejo dos ‘tigres’ a rua do Arsenal de Marinha, nos fundos do Beco Largo, bem próximo ao trecho da atual Rua Barão Rodrigues Mendes, então na face voltada para o rio.

Em 1850, o Arco do Bom Jesus, com sua capela, foi demolido pelo governo provincial. Em seu lugar foi construído o edifício em que residiram os inspetores do Arsenal de Marinha que posteriormente foi extinto, sendo posteriormente ocupado pelo Correio Geral (Aplud Sette, M 1948) (Figura 15).



Figura 15: Escavação arqueológica na área do antigo baluarte do mar, durante o acompanhamento das obras de embutimento dos dutos para a rede elétrica do bairro. Estruturas localizadas: 1_Parte superior do baluarte do Bom Jesus; 2. Parede do prédio do Correio Geral, em tijolos, assentada sobre o baluarte. 3_Face exposta do baluarte, em pedras trabalhadas. Fonte: Albuquerque e Lucena, 2001.

Aquele prédio, onde funcionou o Correio Geral, foi em parte construído sobre o antigo Baluarte do Bom Jesus. Suas grossas paredes em tijolos foram assentadas sobre os blocos de pedra que haviam defendido a cidade tanto de ataques inimigos como das águas (Figura 16 e 17).



Figura 16: Em primeiro plano, o prédio do antigo Correio Geral. Observa-se que o cais estava em processo de construção. Fonte: Velhas Fotografias Pernambucanas. Ferrez, Gilberto. P 31 Foto de Guilherme Gaensly -F26 (Detalhe); c1870.



Figura 17: Detalhe da foto anterior, onde se vêem as paredes revestidas de azulejos. Fonte: Velhas Fotografias Pernambucanas. Ferrez, Gilberto. p. 31 Foto de Guilherme Gaensly -F26 (Detalhe); c1870.

Durante o tempo em que ali funcionou o Correio Geral, a muralha continuava exposta, servindo de contenção para as águas do mar.

Naquela ocasião a cidade já começava a avançar também em direção ao mar. A construção de um cais garantiria a implantação de uma nova quadra à leste da quadra da Rua do Bom Jesus, formando a Rua do Vinho, posteriormente demolida.

Mas o prédio onde funcionou o Correio Geral, com suas paredes revestidas de azulejos policromos, foi demolido quando se implantou um novo cais para o porto. Seus destroços foram utilizados para aterrar o espaço entre o antigo baluarte e o novo cais (Figuras 18 e 19).

A descoberta das antigas ruínas durante o acompanhamento arqueológico das obras de embutimento da rede elétrica do bairro conduziu à ampliação da escavação no trecho. Posteriormente o projeto da rede elétrica foi alterado, desviando os dutos de seu traçado para não atingir o velho baluarte (Figura 20).



Figura 18: Detalhe dos azulejos que revestiam a parede do prédio. Fonte: Albuquerque e Lucena, 2001.



Figura 19: Durante a escavação arqueológica, foi resgatado um bloco da antiga parede revestida de azulejos que fora utilizado no aterro. A peça foi encaminhada ao depósito do Iphan/PE. Fonte: Albuquerque e Lucena, 2001.



Figura 20: A vala aberta para embutir os dutos foi cuidadosamente escavada de modo a preservar as estruturas existentes. Em primeiro plano a face do baluarte, em pedras trabalhadas. Fonte: Albuquerque e Lucena, 2001.



Figura 21: A escavação da área foi ampliada deixando a mostra parte do baluarte e da muralha. Fonte: Albuquerque e Lucena, 2001.

A figura 21 apresenta tracejado em amarelo, o ângulo formado pelos paredões em pedra: à direita o baluarte que se funde com a muralha que contornaria a cidade (segue sob a atual Av. Alfredo Lisboa).

Por determinação conjunta da Prefeitura da cidade do Recife e da SR do Iphan-PE, a área foi mantida aberta para implantação de uma ‘janela’ que permitisse visibilidade ao antigo monumento. Esta decisão foi baseada tanto no entender de políticos e técnicos, como ainda com base no reclamo popular que acompanhou de perto a escavação.

O crescimento da cidade para o lado do rio também deixou suas marcas onde hoje corre a Rua Barão Rodrigues Mendes. Certamente muito mais estruturas e informações do que aquelas que puderam ser resgatadas através das valas abertas pelo projeto Luz no Recife Antigo restaram sob as camadas de revestimento da rua. À esquerda da Rua do Bom Jesus, por onde existira o baluarte do lado do rio, no século XVII a cidade fora cercada por uma paliçada com paus a pique (Figuras 22 e 23). Troncos quase que de uma mesma espessura, tão juntos entre si que não permitiam a passagem ‘nem mesmo de um cão’, mas afastados entre si o suficiente para permitir que se atirasse com armas de fogo por entre as estacas. Um trecho desta paliçada foi localizado quando da abertura da vala na confluência das ruas Barão Rodrigues Mendes com Rua da Guia.



Figura 22: Abaixo do nível dos dutos pode-se ver as estacas, quase cobertas pela água. Fonte: Albuquerque e Lucena, 2001.



Figura 23: Detalhe de um dos conjuntos de estacas localizado. Na foto acima é possível se observar, com base nos dutos, a profundidade do topo das estacas, o que reflete o quanto a superfície atual está mais alta. Fonte: Albuquerque e Lucena, 2001.

Outro trecho da estacada foi também localizado; como o primeiro, são estacas redondas. Todas elas com o diâmetro aproximado, apontadas em sua porção terminal. Ainda podem ser observadas as marcas do trabalho de preparação das pontas, para dificultar uma eventual escalada, ou mesmo transposição do obstáculo (Figura 24).

Uma outra estrutura de interesse específico para preservação, corre aproximadamente em paralelo à Rua Barão Rodrigues Mendes. Trata-se de uma galeria de águas pluviais, construída no século XIX. Efetivamente ela foi localizada na Av. Alfredo Lisboa, mas muito próximo ao conjunto do baluarte. Sua construção certamente danificou em parte a estrutura do baluarte, mas em um ponto não atingido pelo Projeto Luz no Recife Antigo. A época não houve interesse, tanto da prefeitura como dos órgãos voltados para a preservação de vestígios materiais da Cidade, em deixar a mostra tão significativo exemplar (Figuras 25 e 26).



Figura 24: Um segundo conjunto de estacas localizado. Fonte: Albuquerque e Lucena, 2001.



Figura 25: Galeria de águas pluviais no estado em que se encontrava. Fonte: Albuquerque e Lucena, 2001.

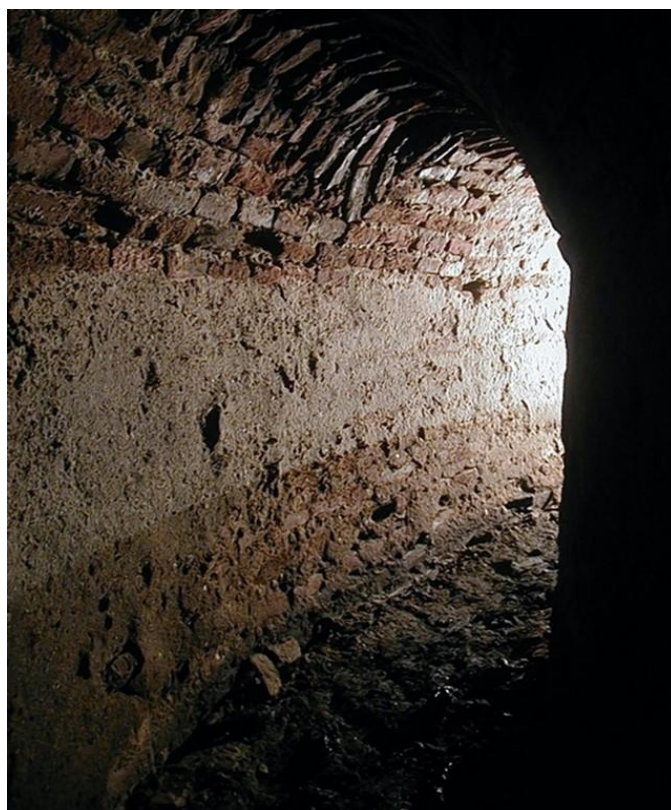


Figura 26: Continuação da galeria, após uma curva. Fonte: Albuquerque e Lucena, 2001.

Considerações Finais

A expansão do sistema colonial europeu rumo ao "Novo Mundo" deixou marcas indeléveis em algumas localidades como na atual cidade do Recife. Esta área, muito bem cartografada desde os séculos iniciais se sua ocupação por europeus, portugueses e holandeses, continuou ao longo do tempo a ser documentada, permitindo aos pesquisadores excelente oportunidade para o confronto de dados provenientes de diferentes áreas do saber para o entendimento do processo de ocupação e desenvolvimento urbano. Processo que transpassa o seu traçado atingindo as técnicas construtivas, os materiais utilizados, em seus diferentes momentos.

A arqueologia histórica, voltada para o entendimento do desenvolvimento urbano no Novo Mundo, tem no bairro do Recife a geografia local como grande aliada. O início do povoamento ocorreu em um istmo, de pouco mais de 80 metros de largura, cercado por um lado pelo mar e do outro pelo rio, além de uma linha de arrecifes que permitiu a sua utilização como porto. Assim a arqueologia tem permitido a localização do processo de expansão urbana até os dias atuais. Expansão em que se inclui a ampliação do espaço disponível através de terras conquistadas às águas, tanto do rio quanto do próprio mar. A atual Rua Barão Rodrigues Mendes teve seu início a partir de um espaço por trás do que seria a muralha que fechava o então povoado em seu limite Norte, controlando o acesso entre o Recife e Olinda.

Com base no monitoramento de obras e a utilização de diferentes fontes de informação, fontes historiográficas, iconográficas, a arqueologia, mesmo dispondo apenas de pequenas janelas abertas para o passado pode trazer um melhor entendimento das soluções materiais encontradas em cada época, nos diferentes locais em que se desenvolvia a evolução urbana do Recife. Desde antigos armazéns do porto, incendiados quando da chegada da esquadra holandesa, às estruturas de defesa, muralhas e portas que restringiam, regulavam o acesso à vila. Das primeiras igrejas portuguesas como a do Corpo Santo à primeira sinagoga que atendia em área urbana nas Américas. Ruas que se perderam, quando o traçado da cidade foi alterado, a margens do rio aterradas, ocupadas por novas ruas e sobrados.

O estudo arqueológico da rua Barão Rodrigues Mendes constitui em mais uma contribuição para o entendimento do desenvolvimento de uma cidade desde seu nascedouro. Este trabalho, ratifica a importância legal, acima citada, do acompanhamento arqueológico de qualquer obra que venha a ocorrer no Recife Antigo.

Referências

ALBUQUERQUE, M. A. G. M.; LUCENA, V. C. .2001. Relatório Parcial de Acompanhamento Arqueológico das obras do Projeto Luz no Recife Antigo (Relatório das áreas em que não foram assentados os dutos, e aquelas nas quais foi necessário ampliar-se o corte, de modo a permitir a identificação de algumas estruturas localizadas.) Recife, janeiro.

ALBUQUERQUE, MARCOS A. G. M.; LUCENA, V. C. 2002. Relatório da Rua Barão Rodrigues Mendes - Acompanhamento Arqueológico das obras do Projeto Luz no Recife Antigo, Recife.

BARLAEUS, G. 1980. Prefácio de José Antonio Gonçalves de Mello. História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil. IN: Fundação de Cultura Cidade do Recife (Coleção Recife), Recife.

COSTA, F. A. P. 1983. Anais Pernambucanos 1591 - 1634. Prefácio de José Costa Porto. Aditamentos e correções de José Antônio Gonsalves de Mello. Recife, Fundarpe. Diretoria de Assuntos Culturais; V. 2, il. (Coleção Pernambucana - 2 fase, 3).

COSTA, F. A. P. 1983. Anais Pernambucanos 1746. Prefácio de José Costa Porto. Aditamentos e correções de José Antônio Gonsalves de Mello. Recife, Fundarpe. Diretoria de Assuntos Culturais. v. 2, il. (Coleção Pernambucana – 2a fase, 3). p. 120

COSTA, F. A. P. 1983. Anais Pernambucanos 1666-1700. In: Coleção Pernambucana, 2. fasc., vol. 4. 2a. edição, Recife, Fundarpe, Diretoria de Assuntos Culturais, 530 p., il.

COUTO, D. L. 1981. Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco. Recife: Fundação Cultural de Recife.

FERREZ, G. 1956. Velhas Fotografias Pernambucanas 1851-1890 2ª ed. Rio de Janeiro: Campo Visual, 1988. 1ª ed. Publicada pelo Departamento de Documentação Cultural do Recife.

GALVAO, S. V. 1908. Diccionario chorographico, historico e estatistico de Pernambuco. 2a. edição, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, de Q a R, il.

IPHAN, 1998. Livro de Tombo Histórico do Iphan. Processo 1.168, T 85, notificação pública em 13.03.1998.

MELLO, J. A. G. 1970. A Cartografia Holandesa do Recife (O mapa de Golijath de 1648), In: Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFPE. Recife, p. 57-68.

MELLO, J. A. G. 1976. A Cartografia Holandesa do Recife - Estudo dos principais mapas da cidade, do período 1631-1648. Recife, Publicação PHNG/2, IPHAN/MEC, , 66p., il.

MELLO, J. A. G. 1991. Arrecifes. Recife, nº 3-4, jan./dez.

MELLO, J. A. G. 2004. Fontes para a história do Brasil holandês: a economia açucareira I [textos editados por] Organização e estudo introdutório Leonardo Dantas Silva; apresentação Dorany

Sampaio. 2. ed. -Recife: CEPE, v.I -(Série 350 anos. Restauração pernambucana; 8) Conteúdo: v. I Economia açucareira. p. 89.

MELLO, J. A. G. 1987. Tempo dos flamengos: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do Norte de Brasil. / José Antônio Gonçalves de Mello; prefácio de Gilberto Freyre. – 3 ed. aum. – Recife: Fundaj, Editora Massangana; Instituto Nacional do Livro. 294p.: il. (Estudos e Pesquisas, 50)

MENEZES, J. L. da M. 2001. As Portas de um Recife Fortificado. Recife.

MENEZES, J. L. M. (org.). 1988. Atlas Histórico Cartográfico do Recife, Editora Massangana v. 9 de Série Obras de consulta· janeiro.

SETTE, M. 1948. Arruar, história pitoresca do Recife antigo. V. 1. Coleção Brasil que não conhecemos. Edition, 2. Publisher, CEB.